

Portugal na (e no Tempo da) Grande Guerra



Ficha Técnica

Título: *Portugal na (e no Tempo da) Grande Guerra*

Coordenação e edição: Fernando Moreira; Orquídea Ribeiro; Susana Pimenta

Autores: Aires Fernandes, Ana Boura; António Fernando Cascais; António Pena; António Rebelo; Daniela Fonseca; Fábio Ribeiro; Fernando Moreira; Francisco Miguel Araújo; Maria do Carmo Mendes; Guida Cândido; Jorge Vaz Gomes; José Barbosa Machado; Luís Alberto Alves; Luís Damásio; Maria João Soares; Maria José Cunha; Maria Luísa Soares; Miguel Castro Brandão; Norberto Ferreira da Cunha; Otilia Lage; Pedro Vitorino; Teresa Araújo

Editor: UTAD – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Com o apoio do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Design gráfico e paginação: José Barbosa Machado

ISBN: 978-989-704-348-2

Portugal na (e no Tempo da) Grande Guerra

COORDENAÇÃO E EDIÇÃO:

FERNANDO MOREIRA
ORQUÍDEA RIBEIRO
SUSANA PIMENTA

utad UNIVERSIDADE
DE TRÁS-OS-MONTES
E ALTO DOURO

O humor e a tentativa de superação dos conflitos. O caso da 1.^a Guerra Mundial

Fábio Ribeiro

UTAD/CECS – UMinho

A presença do humor no quotidiano: proximidades e distanciamentos

Como figura presente nos média e no registo quotidiano da sociabilidade, o humor apresenta-se frequentemente como um terreno conotado com algumas ideias que procuram reduzi-lo a uma existência pouco relevante. Em muitas ocasiões, é percecionado com uma “arte menor”, envolvendo uma modesta criatividade, destinada apenas a “comunicadores natos” ou para indivíduos com um talento peculiar para uma certa interação social.

À partida, definir “humor” não parece uma tarefa propriamente complexa pelo grau de familiaridade que temos com esta realidade. Reconhece-se, facilmente, quem terá “sentido de humor”, no entanto, a discussão académica sobre este tema prova que não existem propriamente consensos alargados sobre uma fórmula irremediavelmente eficaz de garantir o sucesso imaculado de uma abordagem humorística.

Numa entrevista ao jornal *The New York Times*, em 1980, o escritor norte-americano Philip Roth referia que “o sentido de humor era um sinal inequívoco de reconhecimento e de credibilidade”. No mesmo ano, Milan Kundera (1980) definia o humor como a maior invenção do espírito moderno humano. Por sua vez, Freud lamentava no livro *Jokes and their relationship to the unconscious* (1960) que os comentários graciosos e humorísticos que o ser humano utiliza diariamente estivessem longe de merecer as considerações filosóficas suficientes para uma estrutura comunicativa com tamanho impacto na vida social e no quadro mental dos indivíduos.

Inspirado provavelmente por esta alguma ausência de reflexão sobre o tema, Jerry Palmer publica, em 1994, o livro *Taking Humour Seriously*, em que se propõe a abordar conceptualmente o valor do humor. Palmer questiona por que motiva e inibe o riso, mapeando inúmeras situações quotidianas onde o humor desenvolve um papel principal, incluindo nos média e, em particular, na televisão. Palmer define, assim, um paradigma reducionista do humor: “everything that is actually or potentially funny, and the processes by which this ‘funniness’ occurs” (Palmer 1994: 3).

O eterno problema, insolúvel porventura, reside precisamente neste ponto: afinal de contas, o que devemos considerar algo hilariante ou cómico? A subjetividade inerente ao humor não é, portanto, uma desculpabilização fácil para não se conseguir definir este conceito. Lipps (*apud* Freud 1960) explicava que a natureza humorística é subjetiva e volátil, porque está impregnada de uma ação pessoal, de um modo particular de ver o mundo, que varia de pessoa para pessoa. Embora ambos os autores não tenham abordado esta dimensão, preferindo transitar a questão sobretudo num plano psicológico ou psíquico, naturalmente a questão cultural também parece ser decisiva para o entendimento do que é ou não humorístico. Ruth Wisse (2013), no livro *No Joke*, desloca a questão até à própria religião. A autora considera que a comicidade está presente em toda a linguagem e dá o exemplo do humor judaico, responsável pela preservação da memória e das experiências do povo judeu.

No artigo “A funny thing happened on the way to the morgue”, de 1985, na revista *Death Studies*, James A. Thorson recorda o trabalho de Patricia Keith-Spiegel, que encontrou 159 definições sobre humor. Allison Ross (1994) justifica a natureza do humor com a reação desencadeada, numa gargalhada ou sorriso. No entanto, como a própria admite, as definições aos conceitos apresentam sempre os riscos de esconder outras realidades associadas. A resposta, gestual ou comportamental, ao humor, nos termos de um riso ou sorriso poderá surgir na sequência de situações que nada têm que ver com abordagens humorísticas; ou seja, a resposta a um estímulo comunicativo torna-se redutora para definir o que consiste ou não

o humor. Daí que o elemento decisivo seja a consolidação de um estudo sobre a linguagem inerente ao humor (Ross 1994).

A capacidade de agradabilidade do humor, em que se oferece um plano social e comunicativo de boa disposição, leva a que, de acordo com Billig (2005), a simples característica pessoal de alguém que tem “sentido de humor” se torne numa competência de interação social “desejável”: “It is easy to claim that possessing a sense of humour is nowadays deemed desirable. To say that someone has no sense of humour is to utter a criticism. It may not be the worst criticism that can be offered” (Billig 2005: 11). Daniel Wickberg (1998) estudou com pormenor as raízes da integração do humor como um atributo pessoal. Para o autor, desde a Idade Média que se verificava esta utilização do humor, como por exemplo na medicina. Alguns médicos utilizavam formulações cómicas no contacto com pacientes para suavizar determinados prognósticos. Mais tarde, já perto do século XIX, assiste-se a uma certa consolidação da cultura junto de determinadas concepções humorísticas, começando a falar-se em “humor britânico” ou “humor americano”, pelo facto de utilizarem frequentemente a liberdade e a política em textos cómicos (Wickberg 1998).

Billig (2005) estende a preocupação em definir o humor a diferentes abordagens científicas e os desafios que algumas áreas do conhecimento podem oferecer à compreensão alargada deste fenómeno. Por isso, refere que a psicologia experimental deveria ajudar na compreensão do que tende a ser efetivamente humorístico:

Experimental psychology might be especially useful for helping to distinguish between the myth and reality of human laughter, its causes and its effects. This may be true up to a point. But beyond that point, which cannot be determined in advance, it is liable to be misleading. An essential part of critical theory, and possibly one of its important aspects, has been to look critically at the theories of experts, in order to see how these theories have reproduced wider assumptions of common sense (Billig 2005: 11).

O humor é ainda, do ponto científico, um objeto de estudo com pouca repercussão académica e com inevitáveis ligações a

terrenos científicos tão complementares como as Ciências da Comunicação, a Sociologia, a Psicologia, entre outras. Na Europa, apenas para recortar parte deste distanciamento académico, uma das principais revistas científicas sobre matérias relacionadas com o humor intitula-se *The European Journal of Humour Research*, editada desde 2013 pela Cracow Tertium Society for the Promotion of Language Studies. Ainda que desenvolva uma trajetória recente, esta revista está já indexada na *Scopus*. No entanto, a mais antiga, desde 1988, designa-se por “*HUMOR – International Journal of Humor Research*, publicada quatro vezes por ano, pela editora De Gruyter”. Ambas as publicações têm um vasto interesse na reflexão sobre a integração do humor nas práticas sociais e comunicativas correntes. Desde a implicação do humor na política, para o ativismo, a chamada “literatura do *non sense*” ou até a espaços comunicativos mais modernos como a internet e as redes sociais. A eterna questão “os limites do humor”, possivelmente a questão mais *pop* sobre humor na atualidade, também já mereceu um número especial numa destas revistas.

A difícil relação entre o humor e o trauma

Independentemente da curta revisão teórica sobre o conceito de humor apresentada anteriormente, existem formas de conceptualmente enquadrar a linguagem que serve de base à formulação humorística. Nestas perspetivas integra-se a perceção da sintaxe e da semântica como estruturas decisivas para a compreensão da abordagem feita pelo humor num dado contexto, uma vez que o contexto social, cultural e até mediático é decisivo para a compreensão da narrativa humorística.

O jornalista e historiador português José Milhazes, com uma longa trajetória pessoal e profissional na Rússia, aludiu, numa entrevista¹ ao programa *Hotel Babilónia*, da Antena 1, a 22 de abril de 2017, à utilização da anedota em ambientes repressivos como o soviético:

¹ <https://www.rtp.pt/play/p456/e285006/hotel-babilonia>

Considera-se a “anedota” uma coisa menor do ponto de vista histórico. Acho que não. Mesmo na sociedade soviética, nos tempos mais negros, em que contar uma anedota antissoviética dava direito a 10 anos de campo de concentração, as anedotas apareciam. Refletiam a sociedade soviética. Uma anedota, além de criar um certo relaxar, para não se ser maçado, transmite-se uma forma de vivência da cultura.

O escritor Milan Kundera, em entrevista a Philip Roth, em 1980, ao jornal *New York Times*, também abordou a difícil fronteira entre o humor e o terror instalado politicamente:

Aprendi a importância do humor durante o terror estalinista. Tinha 20 anos na altura. Através do humor, conseguia identificar logo um estalinista de outra pessoa que não seguia a mesma ideologia. Tudo através do sorriso. Um sentido de humor apurado era um sinal inequívoco de confiança. Desde essa altura, fico aterrorizado com este mundo que tem vindo a perder o sentido de humor (Weeks 2005: 132)

Existem três teorias clássicas sobre o humor que procuram definir as formulações discursivas que sustentam a base da abordagem humorística. Na dissertação de mestrado de André Duarte (2012) encontram-se sistematizadas as referências mais consensuais nesta matéria: 1) teoria da hostilidade ou superioridade: encara o humor como um território de inimizade ou disputa, em que um dos elementos discursivos se coloca numa posição de superioridade perante o visado, pelo que é neste desnível entre estes dois planos que reside a abordagem cômica; 2) teoria da incongruência: remete para a concretização do humor a partir da integração de dois planos díspares e contrastantes entre si, normalmente com pouca ligação entre ambos; 3) teoria da libertação ou alívio: define-se pela capacidade de resposta a situações de conflito, de tensão, procurando diminuir a pressão ou ansiedade social.

A relação entre o humor e os conflitos pode ser polémica. O contacto com a frustração, a tristeza ou a desilusão que se seguem

a um evento traumático tendem a não convidar propriamente a comentários humorísticos sobre a situação em causa. Em Portugal, um acontecimento recente comprova esta situação. Como deu conta o *Jornal de Notícias*¹, o Ministério da Saúde (SNS) publicou, no dia 11 de julho de 2018, nas redes sociais, uma imagem alusiva à campanha de divulgação da nova *app* para telemóvel daquela instituição, o “MySNS Carteira”, com uma alusão explícita ao resgate dos rapazes e do treinador que ficaram presos numa gruta na Tailândia, até ao dia anterior ao lançamento desta iniciativa,. O SNS escreveu, nesse *cartoon*, o texto “Tenha o cartão de atividade física da MySNS Carteira e seja tão forte como os jovens da Tailândia”, seguido de uma imagem em que os mergulhadores retiram os referidos sobreviventes. Perante os inúmeros ataques e as reclamações dos internautas, refere o jornal, o Ministério decidiu retirar a publicação porque a opinião generalizada não foi muito abonatória do cartaz e que “comunicar é um risco”. Este exemplo demonstra bem a dificuldade que existe em abordar um assunto traumático, pouco depois de o mesmo ter terminado. Neste caso, nem sequer foi utilizada uma narrativa humorística.

Para contrariar esta tendência, de não se abordar determinados assuntos conflituosos na perspetiva do humor, em abril de 2016 criou-se o grupo “Feminism and Controversial Humour Working Group”, na Universidade de Concordia, no Canadá, que procura refletir, humoristicamente, sobre experiências traumáticas, como abusos e violações, com pessoas que sofreram efetivamente com estas situações no passado. Emma Cooper, docente e uma das fundadoras deste grupo, referiu que “existe tanto poder na utilização do humor. Uma postura ativa perante um conflito pode ser bem trabalhada para evitar esse subterfúgio. Fico sempre cética quando alguém tenta obrigar outra pessoa a lidar com o drama”². Em 2017, no *Journal of Loss and Trauma*, Michaela Boerner, Stephen Joseph, and David Murphy discutiam o papel do humor junto dos doentes com sinais de depressão ou afetados por outras doenças na sequência de

¹ <https://www.jn.pt/nacional/interior/ministerio-da-saude-retira-campanha-polemica-que-cita-resgate-na-tailandia-9579300.html>

² <http://theconcordian.com/2017/10/confronting-trauma-with-humour/>

efeitos traumáticos. Através de uma amostra, concluíram que uma margem significativa de doentes conseguia lidar positivamente com o chamado “crescimento pós-traumático”, quando submetidos a experiências comunicativas utilizando o humor.

De acordo com Freud, o humor permite-nos olhar para o trauma com uma “atitude desafiante”, transformando a realidade dolorosa numa convivência mais pacífica. Inúmeros estudos (Edwards & Martin 2010) têm vindo a demonstrar que um humor negativo pode sugerir situações de depressão com impacto na autoestima. Obrdlik (1942) e Larsen (1980) coincidiam no princípio do humor como arma de repressão política, um mecanismo de defesa perante a opressão perante o controlo social, com naturais compensações psicológicas e morais. O humor consistia, assim, numa resistência passiva-agressiva.

A utilização do humor pelos média: breves apontamentos

A função social e comunicativa evocada pelo humor concretiza-se em diversos formatos devidamente reconhecidos pela experiência quotidiana, como são os casos das anedotas, do humor negro, a comédia de imitação (de personagens ou figuras públicas, por exemplo) ou mesmo do registo de improvisação.

Embora se considere que a discussão sobre a relevância e pertinência do humor no espaço público tenha sido propalada na sequência do atentado à redação do *Charlie Hebdo*, em janeiro de 2015, não é certo admitir que foi apenas nos últimos anos que estas questões foram tratadas e abordadas. Conforme revelou Victor Navasky, em *The Art of Controversy: Political Cartoons and Their Enduring Power* (2013)¹, o cariz “ofensivo” das capas daquele jornal francês – na perspetiva dos atacantes – foi despoletado pela ridicularização de imagens sagradas através de *cartoons*, mas em profunda ligação com as políticas de sucessivos governos europeus que atuaram como *bullies* do povo árabe, que promovem a circulação de uma determinada imagem de uma sociedade com o apoio de inúmeras formas de

¹ https://www.huffingtonpost.com/travis-irvine/one-week-after-charlie-he_1_b_6465628.html?gucounter=1

expressão comunicativa na internet. Provavelmente tornou-se mais mediática a questão “quais são os limites do humor?”, mas a presença da comédia nos processos comunicativos esteve desde sempre ligada à história recente da humanidade. É isso que Little (2017) constata, quando recorda os inúmeros casos de censura ao humor, desde o programa de apanhados na televisão, *Candid Camera*, em 1998, ou em *Jimmy Kimmel Live!*, do canal americano ABC, onde o comediante apresentava semanalmente em *This Week in Unnecessary Censorship*, exemplos de animosidade pública a diversas abordagens humorísticas promovidas pelos média.

Recordando o icónico livro *The Book of Laughter and Forgetting*, de Milan Kundera, de 1980, percebe-se que, nas palavras de Octavio Paz, Nobel de Literatura de 1990, “o humor é a grande invenção do espírito moderno”. Para o escritor checo, que haveria de inspirar o curioso filme *A Piada*, de 1969, a estética e a história têm lugar destacado na construção discursiva do humor. Os média também utilizam o humor para as suas próprias produções. Se Bakhtin (1974) relacionava o riso com a morte ou a punição, o cinema e o teatro souberam aproveitar de forma regular esta associação semiótica para retratar situações de uma trama complexa, do suspense ou da iminência de perigo.

O humor também se apresenta como uma ferramenta indispensável para a comunicação de diversas instituições públicas, sobretudo em ambiente digital. Em várias publicações nas redes sociais, a PSP, GNR e o INEM utilizam frequentemente construções humorísticas nas suas publicações. A informação publicada refere-se sempre a aspetos concretos da atividade dos organismos mencionados, no entanto, privilegia-se sempre alguma versatilidade discursiva apoiada no humor. Recentemente o INEM publicou uma fotografia do jogador de futebol da seleção brasileira, Neymar, queixoso, agarrado à perna e deitado no chão, durante um jogo, com a legenda “75,8% das chamadas para o 112 também não são emergências”¹. Aproveitando a circunstância da realização do Mundial de futebol de 2018, e da recente mediatização do jogador

¹ <https://www.facebook.com/InstitutoNacionaldeEmergenciaMedica/photos/a.175550402490049.41831.153270831384673/1992587714119633/?type=3&theater>

em causa – criticado pelas alegadas simulações nas faltas recebidas durante os jogos – o INEM não deixou, de facto, de transmitir uma informação factual para a entidade, sobre uma fatia considerável de chamadas telefónicas recebidas que estarão longe de configurar uma situação de emergência. Tal como o jogador, que é acusado de algum exagero nas reacções que tem a determinadas faltas.

Em entrevista ao *Público*, o diretor do Gabinete de Imprensa e Relações Públicas da PSP, Paulo Ornelas Flor¹, e responsável pela dinamização das páginas nas redes sociais desta instituição, defendia a utilização do humor para tentar “tirar um pouco aquele peso que muitas vezes é característico de instituições como esta”, lembrando ainda que “as pessoas precisam e têm pouco tempo para contactar connosco; o tempo que têm tem de ser aproveitado ao máximo”.

Viajando até outros terrenos, igualmente comunicativos, poucas vezes um Presidente norte-americano terá sido alvo de tanta satírica, crítica e deboche humorístico. Como referia um artigo do jornal britânico *The Guardian*, Donald Trump foi visado inúmeras vezes, no período eleitoral e depois de vencer as eleições. Neste artigo de opinião, assinado pela escritora e socióloga Anne Karpf², percebia-se que “a sátira não nos vai dispensar de Trump, mas pelo menos vai fazer com que nos sintamos melhor”, o que sugere a ideia de que a mediatização do humor, focalizado nesta personalidade, produzirá, em teoria, um efeito de relaxamento e de desdramatização perante algumas situações potencialmente polémicas ou difíceis de concordar com a administração Trump.

O Século Cómico: resultados do estudo de caso

Apesar de termos assinalado anteriormente as novas modalidades expressivas do humor, do ponto de vista da comunicação digital e *online*, o estudo que aqui desenvolvemos recupera um período e um enquadramento histórico distante da atualidade em que nos

¹ <https://www.publico.pt/2013/01/23/p3/noticia/ele-gere-o-facebook-da-psp-com-formalidade-e-humor-1816115>

² <https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/dec/26/satire-donald-trump-bigotry-prejudice-humour-escapism>

encontramos. De um ponto de vista empírico, antes da apresentação do estudo de caso em particular, sinalizamos duas experiências que utilizaram a I Guerra Mundial e o humor de forma expressiva.

Em primeiro lugar, o jornal satírico *The Wipers Times* (Figura 1), escrito e distribuído por soldados ingleses, em território belga, durante o conflito. Através de um título que aludia a um certo jogo irónico de palavras – “Os tempos de choro” –, este foi um jornal de “trincheira”, publicado e organizado por soldados britânicos, na zona de Ypres, na Bélgica, que ocuparam uma antiga gráfica belga abandonada. Entre fevereiro de 1916 e dezembro de 1918 foi distribuído pelo espaço franco-belga, mensalmente. O jornal trazia poemas, reflexões e piadas habituais sobre a vida nas trincheiras. Um tipo de humor que versava a desconstrução da realidade dura sentida pelos soldados.

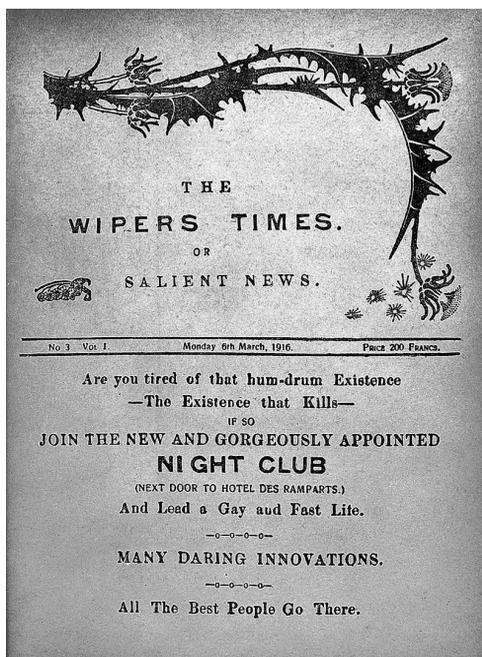


Figura 1 – Capa de uma das edições do jornal *The Wipers Times* (março de 1916)¹.

¹ Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/de/The_Wipers_Times%2C_issue_cover_March_1916_Wellcome_L0031562.jpg/800px-The_Wipers_Times%2C_issue_cover_March_1916_Wellcome_L0031562.jpg

No final dos anos 80, a BBC exibiu a série *The Black Adder*, que esteve no ar entre junho e julho de 1983, num total de seis episódios, distribuídos por quatro temporadas. Escrita por Richard Curtis e com Rowan Atkinson no principal papel, conta a vida caricata dos soldados britânicos em diferentes épocas históricas. Numa das temporadas, aborda-se a I Guerra Mundial, em que os militares tentam desenvolver todas as estratégias possíveis para fugir do cenário do conflito, evitando a morte. Envolvia um tipo de humor mais caricatural, tomando o ambiente militar e a vida nos quartéis como pretextos de situações ridículas e inusitadas.

Em Portugal, *O Século Cómico*, um suplemento humorístico e satírico semanal do jornal *O Século*, esteve em circulação entre 1916 e 1921. Através do *site* da Hemeroteca Digital da Câmara Municipal de Lisboa, selecionou-se uma amostra de edições – entre os n.ºs 999 e 1501 – que corresponde à totalidade de publicações registadas em 1917.

De um ponto de vista geral, a leitura das capas destas edições – o objeto de estudo analisado – resultava de difícil interpretação. Em diversas ocasiões, percebe-se com alguma dificuldade a intenção do editor na formulação humorística, talvez por algum distanciamento temporal em relação ao momento desta análise. Assim, dir-se-ia que as capas deste suplemento envolvem, em certos casos, algum exercício apurado de interpretação e desconstrução da mensagem a veicular. O sentido de humor não parece ser, aparentemente, claro. Para esta leitura contribuem francamente as inúmeras situações em que seria necessário conhecer as últimas informações sobre o conflito para que se pudesse observar e registar algum tipo de humor. No entanto, mesmo na ausência de qualquer informação sobre a evolução da guerra, nos diversos palcos, foi possível intuir, a partir das capas, algum desenrolar dos acontecimentos. Esta acaba por ser uma característica deste tipo de abordagem humorística, suportada na atualidade: o compromisso de retratar, de modo cómico, a realidade, com o apoio na atualidade noticiosa.

Através de uma análise textual, da imagem e do contexto inerente às 53 capas de *O Século Cómico*, conclui-se que: –

– Em 31 capas, houve referências à I Guerra Mundial, ao contrário das restantes 22. Este equilíbrio sugere o posicionamento de Portugal como agente periférico durante o conflito, não obstante a entrada de tropas nacionais em pleno campo de batalha;

– A representação da atualidade procedia-se preferencialmente a partir de metáforas e analogias, envolvendo figuras, personalidades com destaque no conflito (Figura 2):



Figura 2 – Representação do entendimento sobre a paz (à esquerda).
Representação sobre a posição da Suíça durante o conflito (à direita)

– As capas traduziam alguma evolução dos acontecimentos a nível temporal (Figura 3):

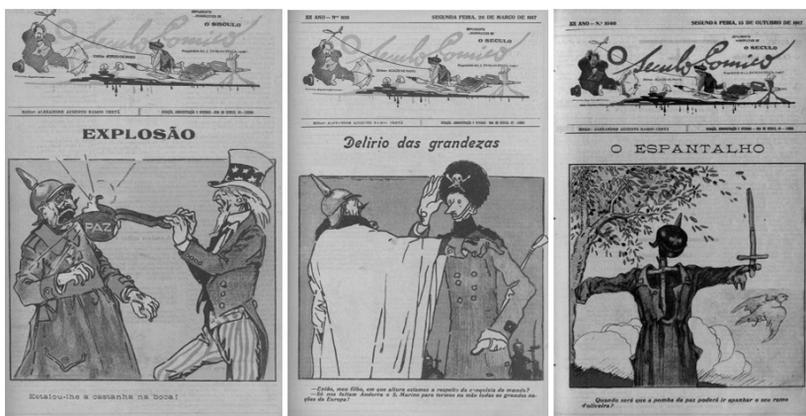


Figura 3 – Evolução dos acontecimentos, desde a iminência da paz
(à esquerda), a concretização da derrota (meio)

e a rendição dos vencidos (à direita).

– Sempre que surgem referências aos países, em 16 ocasiões, a Alemanha surge em 10. Depois, a Rússia, com cinco (Figura 4):



Figura 4 – Exemplos da representação dos países:
Alemanha (à esquerda) e Rússia (à direita).

– Não obstante o ponto já referido da dificuldade na interpretação das capas, tentou-se aplicar uma determinada teoria clássica do humor a esses mesmos elementos visuais e textuais¹. Deste modo, a teoria da incongruência foi a mais observada, com 26 em 53 capas. Sublinhe-se que os editores do suplemento optaram essencialmente por estruturas humorísticas em que dois planos se cruzavam, sem qualquer relação entre ambos, um entendimento próximo à referida teoria da incongruência. A manifestação da superioridade de um agente/personagem perante outro elemento também foi identificada, em 13 capas. A teoria da libertação apenas foi registada em dois casos. Este tipo de humor, que se refugia em temas mais substantivos e eventualmente polémicos, conflituosos ou tenebrosos, ficou claramente num plano de pouco destaque. Na

¹ Em 12 capas não foi possível identificar como clareza a abordagem humorística utilizada. Em termos analíticos, estas capas foram tratadas como integrando uma teoria “indefinida”.

figura seguinte, pode observar-se exemplos da aplicação concreta das diferentes teorias:



Figura 5 – Capa da edição 1006, onde se demonstra a aplicação da Teoria da Superioridade.



Figura 6 – Capa da edição 1013, onde se demonstra a aplicação da Teoria da Incongruência.



Figura 7 – Capa da edição 1042, onde se demonstra a aplicação da Teoria da Libertação.

Notas finais

A identificação do humor com situações de conflito ou de trauma pode ser polémica. A experiência quotidiana não nos prepara possivelmente para uma postura social que nos obriga a desconstruir eventos traumáticos a partir do humor. Mesmo quando este tipo de abordagem se verifica, assiste-se à discussão sobre os limites do humor, relativamente ao que pode ou não ser servir de base a uma intervenção humorística.

Este trabalho não pretendeu, contudo, abordar esta problemática. A partir de uma amostra das capas publicadas no suplemento satírico e semanal de *O Século Cómico*, do jornal *O Século*, em circulação entre 1916 e 1921, concluiu-se que as referências humorísticas se basearam sobretudo nos conceitos de contraste e surpresa entre planos (figuras ou personalidades) distintas entre si, um dos pressupostos fundamentais da Teoria da Incongruência. Efetivamente a aproximação a temas eventualmente complexos

apenas surgiu em duas das 53 capas estudadas, em que em ambas se representa a ideia de morte e de fome através de um fantasma que se dirige a um elemento comumente relacionado com o povo português, o Zé Povinho, figura criada por Rafael Bordalo Pinheiro. Nestas situações, as capas denunciam que a principal consequência ou ameaça da guerra seria eventualmente um período de maior escassez de alimentos que poderia redundar em situações de fome para a população.

Alguns dos trabalhos futuros nesta área poderiam dedicar-se à contínua exploração desta aplicação de referenciais teóricos a práticas e a discursos comunicativos. Comprovar se efetivamente a dificuldade sentida na descodificação do estudo de caso identificado se replica noutros ambientes.

Um século depois, num quadro contextual completamente oposto, com outras avenidas de expressão comunicativa assentes no digital, seria interessante compreender até que ponto outras experiências, outros atores e outros ambientes mediáticos utilizam formulações humorísticas para abordar a realidade e a atualidade. Estaremos, hoje em dia, mais libertos para uma abordagem a temas fraturantes, conflituosos, traumáticos, a partir do humor? Como é que os cidadãos reagem quando confrontados com estas situações humorísticas em que se abordam eventos dolorosos? De que forma a proximidade, nacional ou internacional, afeta a perceção que temos sobre os conflitos?

Referências bibliográficas

Bakhtin, Mikhail (1974): “The Art of the Word and the Culture of Folk Humor (Rabelais and Gogol)”. In: Henryk Baran (Ed.), *Semiotics and Structuralism: Readings from the Soviet Union*. Nova Iorque: International Arts and Sciences, 284–296.

Billig, Michael (2005): *Laughter and Ridicule. Towards a Social Critique of Humour*. Londres: Sage.

Boerner Michaela, Joseph, Stephen e Murphy, David (2017): “The Association Between Sense of Humor and Trauma-Related Mental

Health Outcomes: Two Exploratory Studies”. In: *Journal of Loss and Trauma* 22(5). Londres: Taylor & Francis Group, 440-452. DOI: 10.1080/15325024.2017.1310504

Duarte, André (2012): *O humor na rádio em Portugal: Modos e finalidades do humor radiofónico*. Dissertação de Mestrado. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Freud, Sigmund (1960): *Jokes and Their Relation to the Unconscious*. Londres: Routledge & Kegan Paul.

Kundera, Milan (1980): *The Book of Laughter and Forgetting*. Harmondsworth: Penguin.

Little, Laura (2017): “Laughing at Censorship”. In: *Yale Journal of Law & the Humanities* 28(2). Yale: Yale Law School, 161-212.

Navasky, Victor (2013): *The Art of Controversy: Political Cartoons and Their Enduring Power*. Nova Iorque: Knopf Doubleday Publishing Group.

Palmer, Jerry (2004): *Taking humour seriously*. Londres e Nova Iorque: Routledge.

Ross, Alisson (1998): *The Language of Humour*. Londres e Nova Iorque: Routledge.

Thorson, James (1985): “A funny thing happened on the way to the morgue: Some thoughts on humor and death, and a taxonomy of the humor associated with death”. In: *Death Studies* 9(3-4). Londres: Taylor & Francis Group, 201-216. DOI: 10.1080/07481188508252518

Weeks, Mark. (2005): “Milan Kundera: A Modern History of Humor amid the Comedy of History”. In: *Journal of Modern Literature* 28(3). Baltimore: Indiana University Press, 130-148.

Wickberg, David (1998): *The Senses of Humour*. Nova Iorque: Cornell University Press.

Wisse, Ruth (2013): *No Joke: Making Jewish Humor*. Princeton: Princeton UP.